O HERÓI MODERNO NO ROMANCE "O GRANDE GATSBY" [1]

Júlio César Lemos de Almeida [2]

RESUMO. O conceito clássico de herói pode não conseguir definir ou classificar os heróis encontrados em narrativas modernas. Levando isso em consideração, faz-se uma análise do herói modero no romance "O Grande Gatsby" de F. S. Fitzgerald. Uma vez que o herói, objeto de estudo deste trabalho, é também uma personagem, faz-se imperativo um estudo sobre a mesma. Percebe-se, pois, que o conceito e classificação de herói clássico são insuficientes para o herói moderno.
PALAVRAS CHAVE: Personagem. Herói. "O Grande Gatsby".

ABSTRACT. The concept of hero may not distinguish or classify the heroes found in modern narratives. Taking it into regard, it is an analysis of the modern hero in the novel "The Great Gatsby" from F. S. Fitzgerald. Once the hero, the aim of this article, is also a character, it is imperative a study about it. It's possible to notice that the concept and classification of the classic hero are not enough to the modern hero.
KEY WORDS: Character. Hero. "The Great Gatsby".

INTRODUÇÃO

O romance "O Grande Gatsby" (1925) de Francis Scott Key Fitzgerald teve grande importância e notoriedade na década de 20 nos Estados Unidos, período conhecido como a "Era do Jazz". Versar sobre isso rendeu a Fitzgerald romances como "Este lado do paraíso" (1920), "Os belos e os malditos" (1922) e "Suave é a noite" (1934). Este período histórico é marcado pelo luxo e pela extravagância das classes sociais mais altas dos Estados Unidos.

Este período foi o grande "boom" econômico deste país, em que o poder de compra aumentou consideravelmente e os mais afortunados esbanjavam com festas luxuosas, mansões e bebidas. É digno de nota que neste período houve a proibição da venda de bebidas alcoólicas, o que não impediu que a mesma fosse vendida ilicitamente. Este romance, "O Grande Gatsby", retrata, como plano de fundo, exatamente este momento histórico dos Estados Unidos, mostrando como Gatsby alcançou a riqueza usando de artifícios ilegais para tentar conquistar sua amada.

---

[1] Artigo elaborado como requisito para conclusão do curso de Letras – Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas Literaturas oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, orientado pela Profª. Ms. Elis Regina Fernandes Alves.

[2] Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Amazonas.

Nesta obra, nossa atenção se prende a Gatsby, que desempenha o papel de herói na narrativa, já que sobre suas ações incide a trama. Por isso, o objetivo deste trabalho é abordar este herói, seguindo, primordialmente, os estudos de Flávio Kothe (1987) e do formalista russo Eikhenbaum (1973) sobre os heróis clássico e moderno. Tendo como base estes estudos, é feita uma análise do herói de "O Grande Gatsby" com o objetivo de ratificar o fato de o conceito de herói trágico clássico não ser, em muitas circunstâncias, satisfatório para analisar ou definir muitos dos heróis encontrados em romances modernos.

A PERSONAGEM

A personagem é o ser criado com o objetivo de desempenhar o enredo não o deixando assim se transformar em simplesmente descrição, ou apenas, realizar a ação da narração. É importante destacar ainda que as personagens são elementos indispensáveis para a forma romântica, como assim assevera Candido (1972): "Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor (p. 54)." Podem ser classificadas, grosso modo, assim:

Protagonista: Suas ações são fundamentais e é a personagem que mais tem a atenção do leitor. Um exemplo clássico deste tipo de personagem na Literatura Brasileira é Paulo Honório, protagonista de "São Bernardo" (1934) de Graciliano Ramos.

Secundária: São as personagens que desempenham funções subalternas, cujas ações não são fundamentais na história, têm em consequência disso, menos atenção do leitor. Na mesma obra supracitada temos como personagem secundária Madalena, do mesmo romance citado acima.

E, independente de ser protagonista ou secundária, ambas podem ser classificadas, de acordo com Forster apud Aguiar e Silva (1986), como:

Redondas: São personagens complexas, que podem surpreender o leitor, cujo caráter evolui e se modifica no decorrer da obra, podendo agir contraditoriamente. Na Literatura Inglesa temos Shakespeare como um dos maiores autores do mundo que apresenta em sua obra "Macbeth" o protagonista homônimo do livro que mostra sua face e transforma-se em seguida, mudando seus comportamentos e valores ao decorrer da tragédia.

Planas: São personagens que se destacam por apenas um traço característico no decorrer da obra e não provocam surpresa, pois não mudam seu comportamento. Dentre as personagens planas, podemos citar o tipo, que, em geral, identifica uma categoria social.

Como personagem plano da mesma obra acima podemos citar Lady Macbeth que não mostra alterações representativas em seu caráter/personalidade no decorrer da obra. E, é possível citar também as bruxas, estereotipadas e com uma característica marcante, podendo assim serem classificadas como tipo.

Apesar de muitas personagens de ficção se parecerem com pessoas do mundo real, é indispensável perceber que são dois universos diferentes que separam uma das outras e, por mais análogas que sejam às pessoas as personagens foram seres criados para ficção e, segundo Candido (1972), elas não correspondem a pessoas vivas, mas, nascem delas.

O HERÓI

Segundo Eikhenbaum (1973) o herói é a personagem seguida pelo leitor com mais atenção. Mas podemos afirmar que o herói pode simbolizar demasiadamente mais do que simplesmente isto. O herói também é a personagem que recebe mais carga emocional e nele se encerra a motivação do romance.

Convém citar Robbe-Grilet (1965 página?) que afirma que o herói deve ser uma personagem "única e ao mesmo tempo [que] se eleve em grande altura. Precisa de muita originalidade para ser insubstituível e de muita generalidade para ser universal".

É importante perceber que o herói como hoje conhecemos sofreu várias alterações em sua concepção no decorrer do tempo. Este fato é decorrente dos próprios costumes da sociedade, aos quais o herói deve adaptar-se, pois, o ele é "um espírito unificador que se comunica a todas as manifestações de culturas em contato, variações nacionais." (ROSENFELD, 1973, p. 75)

O primeiro tipo de herói encontrado na literatura universal é o herói grego, considerado o herói clássico. A característica principal deste herói é que ele nunca representa apenas um indivíduo. Todas as suas ações têm como objetivo o bem maior da comunidade, nunca o seu próprio bem. Os anseios da comunidade, a justiça e o bem guiam seus atos, este o traço essencial deste herói. (LUKÁCS, 2000)

Em consequência disto, este herói é considerado grandioso, tem sempre características que o separam da comunidade que, consoante Fehér (1972 página), podem ser "ou nobre, ou guerreiros, ou intelectuais, ou belos, ou dotados de virtudes morais ou religiosas." Pode ainda nem ser totalmente humano quando tem como um dos genitores um deus, sendo assim um semi-deus.

Mas este herói também enfrenta dificuldades, ainda que já previstas, tem defeitos e cai, pois uma das características marcantes deste personagem é o fato de ser trágico por excelência. Entretanto, até mesmo os defeitos e a queda deste herói são encarados como uma forma de enaltecê-lo. “Mas, a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as ‘baixezas’ do herói épico é o que o elevam” (KOTHE, 1987 p. 12). Um exemplo clássico deste tipo de acontecimento pode ser percebido em “A Ilíada” de Homero, no momento em que Heitor é derrotado por Aquiles. Quanto mais Heitor é humilhado por Aquiles mais é elevado seu espírito humano, fazendo assim com que o leitor, a partir de sua derrota, o compreenda e se envolva com o derrotado. No mesmo momento em que Aquiles, mesmo sendo elevado por sua vitória, é rebaixado por humilhar e cuspir em seu adversário.

No entanto, esta não é única característica deste herói tão imitado e canonizado pela literatura universal. Este herói é sempre guiado por um deus ou qualquer outra entidade, todo seu destino é manipulado, de sorte que não tem liberdade para tomar suas próprias decisões, seu fim já é conhecido desde o começo.

Um salto no tempo e encontramos o herói moderno, com características tão distintas do primeiro. A principal característica deste herói é que, desta vez, ele é dono de seu destino e age conforme suas vontades e suas aspirações. Ele é abandonado no mundo, sofre as consequências de suas próprias escolhas, e “aí o homem só pode recorrer a si mesmo, não tem outro apoio a não ser suas próprias forças [...]” (FEHÉR, 1972 p. 22)

O herói com espírito coletivo que dominava a epopéia não se enquadra mais no romance, que exige o herói individual. Essa diferença clara entre os dois gêneros é assim explicitada por Fehér (1972):

> Com efeito, na epopéia, não é apenas o quadro geral do universo que se acha pronto desde o primeiro momento, mas também – por vontade exclusiva do Olimpo - a ação: o herói apenas cumprirá a trajetória que lhe tinha sido designada. [...] o romance não fez seu herói agir graças a “instâncias superiores”, ma segundo sua própria presunção teleológica; e assim que ele funda seu próprio universo (ou, pelo menos, esforça-se para construí-lo de acordo com sua teologia pessoal) [...] (p. 17-8).

Assim, a forma do herói clássico não se enquadra mais no romance moderno, por conseguinte, no espírito de vida moderno. O herói que lutava por sua comunidade e tinha seu destino imposto por deuses cede espaço a um herói mais independente e individual e seus anseios deixam de ser os anseios da comunidade e passam a ser suas lutas pessoais. O

primeiro herói a ter estas características modernas foi Dom Quixote herói de "O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha" (ano?) de Miguel Cervantes que ia em busca de suas respostas e de suas vontades, abandonado pelo deus que guiava até então os passos dos mais famosos heróis.

Lukács (2000) assinala este novo herói como "problemático", em virtude de sua densidade psicológica, seus dilemas pessoais que tanto chamam a atenção do narrador, fazendo assim com que o leitor se identifique com tal personagem. Mas para Fehér (1972), este herói não é problemático e sim ambivalente. Dom Quixote também pode ser considerado um herói "problemático", pois encerra em si a dualidade entre o "eu" e o mundo.

O mesmo autor (qual?) critica o romance como forma literária em um contexto histórico difícil, em meio a primeira grande guerra e, com um olhar pessimista apontou diversos "problemas" no romance e previu sua extinção. Uma das características principais é que não há um ser para guiar os passos deste herói como um deus grego ou qualquer outro deus, pois o mesmo afirma que "o romance é a epopéia do mundo abandonado por Deus (p.89)." Mas, "se Deus abandonou o romance, deu-lhe, ao mesmo tempo, sua liberdade." (FEHÉR, 1972, p. 17). Com esta afirmação, Fehér resume o principal passo da tragédia para o romance moderno, assim, do herói trágico para o herói moderno.

O HERÓI EM "O GRANDE GATSBY"

Evidencia-se o herói deste romance em seu título**,** "O Grande Gatsby", fato este elucidado por Aguiar e Silva (1982), em que o herói é identificado pelo título da obra. E, mesmo que não fosse possível identificá-lo pelo título, o herói é apresentado logo nas primeiras páginas deste romance.

> Quando voltei do Leste no último outono senti que desejava que o mundo todo estivesse de uniforme e numa espécie de posição de sentido moral para sempre; não queria mais saber de excursões tumultuadas com vislumbres privilegiados do coração humano. Apenas Gatsby, o homem que dá seu nome a este livro, estava isento da minha reação – Gatsby, que representava tudo aquilo por que sinto um desprezo sincero. (FITZGERALD, 2007, p. 22)

Através de suas ações e sua densidade psicológica pode-se afirmar que Jay Gatsby, herói deste romance, é uma personagem redonda. Aos poucos a personalidade deste personagem vai sendo mostrada e modificada sendo que, estas mudanças não se dão de forma brusca e sim de forma sutil.

Nas primeiras páginas do romance o narrador (Nick) apresenta a si mesmo, sua descendência: “minha família era formada por pessoas proeminentes e prósperas nesta cidade do Meio-Oeste há três gerações.” (FITZGERALD, 2007, p.22), o espaço principal da obra: “Eu morava em West Egg, o... bem, o menos chique dos dois, embora esta seja uma fórmula muito superficial de exprimir o contraste bizarro e um tanto sinistro entre ambos.” (*Op. Cit* p. 25), e seus personagens principais: “Daisy era minha prima em segundo grau e eu conhecera Tom na universidade.” (*Op. Cit.* p.26), com exceção de nosso herói, a quem só faz alusão.

O que se sabe sobre Gatsby até o momento é que é um homem rico e costuma dar festas luxuosas, regadas a champanhe. Pouco se sabe realmente deste homem cercado de mistérios, s superficialmente visto que ninguém sabe sua história de vida. O fato de ter o passado desconhecido gera comentários de seus convidados, desde os que acreditam que é um assassino e os que especulavam poder se tratar de um contrabandista.

> “É um contrabandista de bebida” diziam as jovens, agitando-se entre seus coquetéis e suas flores. “Uma vez matou um homem que descobriu ser sobrinho de Von Hindenburg e primo em segundo grau do diabo.” Passe-me uma rosa, querido, e me sirva uma última gota naquela taça de cristal. (*Op. Cit.* p. 79)

O objetivo das festas luxuosas que Gatsby oferece é que um dia Daisy, que mora em frente a sua casa apareça por lá. Mais um equívoco de Gatsby, ele compra esta casa justamente por ficar defronte a casa de Daisy.

Mesmo Nick, narrador deste romance, sendo vizinho de Gatsby, ambos não se conhecem até que surge um convite a Nick para uma das festas luxuosas de Gatsby. E, mesmo na festa de Gatsby, é difícil encontrá-lo. Nick encontra, antes, Jordan Baker, que conheceu em um jantar na casa de sua prima. Por isso, o mistério que envolve nosso heróis é mantido até partes adiantadas da narrativa.

> Assim que cheguei fiz uma tentativa para encontrar meu anfitrião, mas duas ou três pessoas às quais perguntei por seu paradeiro me olharam de um jeito tão espantado e negaram com veemência qualquer conhecimento dos seus movimentos que me esquivei na direção da mesa de coquetéis [...]. Estava em vias de me embriagar ferozmente por simples embaraço quando Jordan Baker saiu da casa [...]. (FITZGERALD, 2007 p. 61)

Quando aparecem as primeiras informações sobre Gatsby, dadas por ele mesmo, nota-se seu caráter falho, pois mente sobre sua procedência e a origem de sua fortuna: “minha família toda morreu e herdei um bocado de dinheiro” (*Op. Cit.* p. 84). E desde o início

percebe-se que sua aproximação de Nick foi completamente por interesse, pois Gatsby sabia que o fato de Nick ser primo de Daisy o possibilitaria uma reaproximação de Daisy. Após este momento, Gatsby e Nick aproximam-se mais, permitindo assim ao narrador acompanhar os fatos mais de perto, mesmo que à margem dos acontecimentos.

O modo encontrado por Nick para reaproximar Daisy de Gatsby foi convidá-la para um chá em sua casa. Neste encontro a reação de Daisy foi de casualidade e Gatsby não podia estar mais nervoso, pois se passaram quase cinco anos desde que se viram pela última vez: "'Não nos vemos há muito anos', disse Daisy, sua voz tão casual quanto possível. 'Faz cinco anos em novembro. '" (FITZGERALD, 2007, p. 105). Após este breve momento de constrangimento, Nick e Daisy são convidados à casa de Gatsby.

Daisy impressiona-se com o tamanho da casa de Gatsby, posto que quando se conheceram Gatsby não era um homem rico. Passeando pela casa chegam ao quarto onde o aspecto consumista de Gatsby pode ser percebido, pois, além de suas festas glamorosas regadas a champanhe e sua mansão, ele possuía um número demasiadamente grande de camisas que possuía. E Daisy, também neste momento, demonstrou sua fraqueza e interesse por bens materiais.

> Tirou uma pilha de camisas e começou a arremessá-las uma a uma diante de nós, camisas de puro linho, de seda espessa e de fina flanela, que perdiam suas rugas ao cair e cobriam a mesa numa desordem multicolorida. [...] Subitamente, com um som constrangido, Daisy inclinou a cabeça sobre as camisas e começou a chorar compulsivamente.
> "São tão bonitas estas camisas", soluçou, sua voz abafada nas dobras espessas. "Isso me deixa triste, porque nunca vi camisas tão bonitas assim." (*Op. Cit.* p. 110)

Aos poucos, Gatsby e Nick se aproximaram e foram ficando mais amigos, ao mesmo tempo em que Daisy se aproxima de Gatsby. A aproximação de Gatsby e Nick possibilita que cresça a confiança entre ambos, desta forma, Gatsby confidenciou sua verdadeira descendência e até mesmo seu verdadeiro nome. Nosso heróis demonstra mais uma vez sua falha de caráter, pois as mudanças em sua vida parecem ser sempre permeadas por mentiras, como notamos:

> James Gatz – era este realmente, ou pelo menos legalmente, o seu nome. Ele o mudara aos 17 anos de idade e no momento específico que testemunhou o começo da sua carreira – quando viu o iate de Dan Cody lançar âncora no brejo mais insidioso do lago Superior. Era James Gats quem vadiava pela praia naquela camisa rasgada de malha verde e com calças de lona, mas já foi Jay Gatsby quem tomou emprestada uma canoa a remo, seguiu até

> *Toulomee*, e informou a Cody que uma ventania poderia pegá-lo e quebrar seus costados dentro de meia hora. (FITZGERALD, 2007 p. 116)

Quando muda de nome, percebe-se que Gatsby está pronto para uma nova vida, com este novo nome vem uma nova personalidade e postura. Carregado com o novo nome aparece o desejo de reconquistar Daisy, visto que agora possuía dinheiro. E, agora, rico, "espera inocentemente que possa comprar tudo – especialmente Daisy. Ela está à venda, mas ele não tem a moeda correta." (BRUCCOLI, 1992, p 210)

Em seguida, fala sobre seus pais: "Seus pais eram lavradores incapazes e fracassados – sua imaginação nunca os aceitara realmente como pais. A verdade é que Jay Gastby, de West Egg, Long Island, nasceu de sua concepção platônica de si mesmo." (FITZGERALD, 2007 p. 116) Além de seu caráter falho, que despreza os próprios pais, temos neste trecho um dos erros primordiais de Gatsby, e, ao mesmo tempo uma das características que o difere de um herói clássico: ele luta contra o destino que lhe foi dado. Ele não aceita que é pobre e que jamais poderá ter Daisy, sua amada, que se preocupa com a nobreza e o estado financeiro das pessoas. O herói clássico erra por que o destino lhe reserva uma má sorte, mas Gatsby erra ao negar sua própria origem, ao fingir ser outra pessoa, ao assumir uma nova identidade.

Após isso, em uma conversa com Nick, Gatsby dá um vislumbre do que realmente quer de Dayse: "O que ele queria de Daisy era simplesmente que se dirigisse a Tom e dissesse: 'Nunca o amei. '" (*Op. Cit.* p. 129)

Deste ponto em diante entramos nos momentos de maior tensão deste romance. Gatsby é convidado por Daisy para almoçar na casa dela. O cinismo de Gatsby é exacerbado até o ponto de, mesmo estando com a esposa de Tom, ir a sua casa e participar do convívio do casal, outro exemplo do caráter fraco do herói do romance.

É sabido de todos, inclusive Daisy, que Tom tem uma amante e, neste dia em que Gatsby estava em sua casa, Tom estava conversando no telefone com sua amante mas, como percebe-se através de algumas partes deste livro, a infidelidade parecia recorrente. É cogitada por Daisy a ideia de ir à cidade, mas até então era só uma ideia. Tom, ao perceber o clima entre Gatsby e Daisy, aceita a proposta e estende o convite a todos os presentes, Nick, Jordan, Gatsby e Daisy. São divididos em dois grupos: Nick, Jordan e Tom no carro de Gatsby; Gatsby e Daisy no carro de Tom.

Durante a viagem, Tom revela a Nick e Jordan que fez investigações sobre a vida de Gatsby. "'Fiz uma pequena investigação sobre este sujeito.' [...] Eu dis.sse que fiz uma pequena investigação sobre o seu passado.'" (FITZGERALD, 2007 p. 140). Neste momento,

o leitor tem a impressão de que revelações virão a respeito do herói e elas não parece ser positiva. Em seu caminho para a cidade, Tom para em posto de gasolina para abastecer o carro de Gatsby, coincidentemente o lugar onde sua amante morava, que da janela o viu passar no carro de Gatsby.

Devido ao calor que fazia decidiram não ir ao cinema e ficar na sala de estar da suíte de um hotel. E, após alguns instantes, Tom começa a confrontar Gatsby, sobre ter ido à Oxford e seu passado, até que resume tudo o que quer saber em uma pergunta: "'Que tipo de confusão está aprontando na minha casa, se posso saber? '" (FITZGERALD, 2007, p. 148).

Mais uma má escolha de Gatsby neste momento, ele decide enfrentar o marido de Daisy, dizendo que ela nunca o amou e que, na verdade, era Gatsby quem ela amava: "'Sua mulher não o ama', disse Gatsby calmamente. 'Nunca o amou. É a mim que ela ama.'" (FITZGERALD, 2007, p.???). Nosso herói se sente confiante, imagina ter reconquistado o amor de Daisy. Mesmo estando em uma posição delicada, a de amante, ele grita com o marido e tenta mostrar-se superior a ele.

E, é baseado nesse suposto amor que Daisy sempre teve por ele que Gatsby toma decisões erradas em sua vida. Ele escolhe ficar rico a qualquer preço, e em uma época em que a venda bebida estava proibida, vendê-la ilegalmente era um dos meios mais rápidos para alcançar a riqueza, bastava saber os caminhos.

A discussão entre Tom e Gatsby para saber quem Daisy realmente amava estava cada vez mais calorosa, até que Daisy resolve se pronunciar, após pedido de Gatsby, culminando no clímax desta narrativa:

> Gatsby aproximou-se e ficou do lado dela.
> "Daisy, terminou" disse com firmeza, "nada importa mais. Simplesmente diga a verdade a ele... que nunca o amou... e que está acabado para sempre."
> [...]
> "Jay", [...] "Oh, você exige demais!" gritou para Gatsby. "Eu o amo agora, isto não é suficiente? Não posso fazer nada pelo que já passou" Começou a soluçar, desamparada. "Eu o amei uma vez..." (FITZGERALD, 2007 pp. 150-1)

Apesar de ter dinheiro, Gatsby jamais conseguiria a posição social de Tom, que já nasceu nobre e tem respeitada posição social. Esse fato faz grande diferença para Daisy na hora de sua escolha, apesar de não fazer uma escolha de verdade, ela deixa as coisas exatamente como estavam, continua com Tom, seu marido, pai de sua filha, homem de posição social respeitada, diferentemente de Gatsby, cujas origens eram suspeitas.

Tom, ainda inconformado, resolve revelar o que descobriu com sua investigação sobre Gatsby.

> "Descobri o que eram as suas *drugstores*", virou-se para nós e falou rapidamente. "Ele e Wolfshiem compraram uma porção de pequenas *drugstores* aqui e em Chicago e vendem bebidas alcoólicas sem exigir receita. Este é um dos seus pequenos truques. Achei que era um contrabandista de bebidas no momento em que o vi e não estava muito enganado." (Fitzgerald, 2007, pp. 150-1)

Diante desta revelação, Gatsby não se mostra preocupado ou com medo das consequências dos seus atos que agora foram revelados. Ele sabe que suas ações não são corretas, mas não se importa, não se arrepende e não mostra nem um tipo de remorso e, ainda ironiza o fato de um dos amigos de Tom também estar envolvido neste meio."'E daí?', disse Gatsby educadamente. 'Acho que seu amigo Walter Chase deixou o orgulho de lado e entrou no negócio também.'" (*Op. Cit.* p. 152). Vemos aqui que nosso herói difere totalmente do herói clássico, pois ele sabe estar agindo de forma errada e não muda suas ações. Poderíamos mesmo vê-lo como problemático, pois pelo amor de Daisy, ele era capaz de desafiar as regras da sociedade.

Estas revelações surpreenderam a todos que apenas testemunhavam estarrecidos o duelo entre Tom e Gatsby. Daisy não aguentando mais presenciar tudo aquilo pede para ir embora.Tom, certo de sua vitória, permitiu ainda que Gatsby levasse Daisy de volta para casa, mas, desta vez, iriam no carro de Gatsby. É importante perceber esta troca de carro para entender os eventos que o sucedem.

Enquanto voltavam para casa, o carro de Gatsby passa no posto onde Tom abasteceu. Myrtle, amante de Tom, reconhece o carro e lembra que Tom o dirigia a alguns momentos e corre em sua direção, na esperança que ele a veja e pare o carro. Myrtle não contava com a ironia do destino. Dayse dirigia o carro de Gatsby na ocasião e quando vê uma mulher correndo em sua direção se desespera e acaba atropelando Myrtle, matando-a.

O marido de Myrtle viu o carro que atropelou sua esposa, mas se recusou a dar qualquer tipo de informação. Fica claro que ele viu o carro, e por se tratar de um carro pouco comum, ele sabia quem era o dono: Gatsby. "'Era um carro amarelo', disse. 'Um carro amarelo grande. Novo. '" (FITZGERALD, 2007 p. 158).

Ao contarem a Tom, Jordan e Nick que vinham atrás, eles já sabiam de que carro se tratava e supunham que quem dirigia era Gatsby. Ao chegarem em casa Nick encontra Gatsby e pergunta sobre o ocorrido, Gatsby diz que tomou providências a respeito do carro: "'Fui até

West Egg por uma estrada lateral', continuou, 'e deixei meu carro na garagem. Não creio que alguém nos tenha visto, mas, é claro, não posso ter certeza.'" ((FITZGERALD, 2007, p. 162). Nick questiona, ainda, detalhes sobre o ocorrido e Gatsby lhe revela a verdade assim como a decisão que tomou:

> "Bem, tentei girar a direção...", ele se calou e subitamente adivinhei a verdade.
> "Daisy estava dirigindo?"
> "Sim", disse depois de um momento. "Mas naturalmente vou declarar que era eu quem dirigia. [...] De qualquer modo... Daisy pisou no acelerador. Tentei fazê-la parar, mas ela não conseguia, então usei o freio de emergência [...]. Ela vai estar bem amanhã." (*Op. Cit.* pp. 162-3).

Ao assumir a culpa de Daisy, Gatsby toma para si a responsabilidade de um crime que não cometeu e pagará um preço alto por isso. Evidencia-se aqui mais um erro fundamental de Gatsby que, por amor a Daisy, decide arcar com quaisquer consequências que este fato possa lhe trazer. Ele mente à polícia e esconde o carro com o intuito de não ser descoberto, outra falha no caráter deste herói problemático que continuamente erra e tem sua queda prevista.

Insistindo no erro de que Daisy o ama, Gatsby fica em frente à sua casa na noite destes acontecimentos, na espreita de Daisy, só vai embora depois que souber que está tudo bem. Outra grande falha de Gatsby, continua enfrentando Tom. Mais uma vez, nosso herói falha por conta própria, pelas decisões erradas que toma. Nick insiste que Gatsby deveria ir embora, pois, poderiam descobrir seu carro, mas Gatsby não poderia sair de lá agora, esperava que Daisy realmente o amasse e o viria encontrar, e persiste neste erro até o fim.

Gatsby não atendeu ao pedido do fiel amigo e ficou em casa. Algum tempo depois, Wilson, marido de Myrtle, chega a West Egg e pergunta pela localização de Gatsby. Wilson encontra Gatsby em sua piscina e o assassina ali com um revólver, em seguida se suicida.

> O chofer – era um dos protegidos de Wolfshiem – ouviu tiros; depois só foi capaz de dizer que não se dera muito conta deles. [...] O toque de um ramo o revolveu lentamente, traçando, como a ponta de um compasso, um fino círculo vermelho na água. Foi quando carregávamos o Gatsby para dentro de casa que o jardineiro viu o corpo de Wilson um pouco adiante no gramado. E o holocausto estava completo. (*Op. Cit.* pp. 179-80)

Após a morte de Gatsby, Nick tenta entrar em contato com as pessoas que conheciam Gatsby para o funeral e enterro do mesmo, mas, para sua surpresa as pessoas o ignoravam, davam desculpas e diziam que não poderiam comparecer. Até mesmo Wolfshiem, seu sócio

no negócio de bebidas o abandonou. “Não posso ir até aí agora porque estou em meio a negócios muito importantes e não devo me envolver nisso agora. Se houver algo que eu possa fazer um pouco mais à frente, por favor me informe por carta de Edgar.” (FITZGERALD, 2007 p. 183).

Embora rico e conhecido devido a suas festas luxuosas, Gatsby tem poucas pessoas em seu enterro. É abandonado pelos que diziam seus amigos, seu sócio e sua amada. É enterrado, ironicamente com a presença de seu pai, que Gatsby fez questão de enterrar em seu passado, Nick e “Olhos de Coruja”, um dos convidados sempre presentes em suas festas. Gatsby, em vida, havia tentado comprar o amor e a amizade, errando nas escolhas das pessoas que o cercavam. Seu pai, desprezado por ele, é o único que o parece amar realmente. Os convidados de suas festas luxuosas não queriam ter seus nomes ligados a um “contrabandista” de bebidas.

> Mas não adiantou nada. Ninguém apareceu.
> Por volta das cinco horas nossa procissão de três carros chegou ao cemitério e parou, debaixo de uma garoa espessa, ao lado do portão – primeiro um coche fúnebre motorizado, horrivelmente negro e molhado, depois p sr. Gatz, o pastor e eu na limusine e, pouco mais atrás, quatro ou cinco empregados de Gatsby, molhados até os ossos. (*Op. Cit.* p. 192)

Daisy, a quem Gatsby tanto amava, havia saído com Tom de malas prontas e não mais voltou. Nick encontra Tom algum tempo depois e descobre que Tom disse a Wilson que foi Gatsby quem matou sua esposa e o encorajou a dar um fim na existência de Gatsby. Nick não entende como Tom não se sente culpado pela morte de Gatsby e comenta que pessoas como Tom e Daisy se escondem de seus problemas no dinheiro e o romance chega ao seu fim. Vemos que nosso herói erra do início ao fim e ao provocar Tom, ao ser amante de sua esposa, tem sua morte decretada.

Percebe-se que Gatsby, ao contrário do modelo clássico de herói, luta contra o destino que lhe é imposto. Para conseguir o amor de Daisy, Gatsby é capaz de ir contra o que a sociedade aceita como certo, enriquece ilicitamente através do contrabando de bebidas e mesmo assim não consegue atingir seu objetivo. Ele falha e sofre por conta de suas próprias escolhas.

Não se pode deixar de destacar ainda que Gatsby não sentia remorso por seus crimes em nenhum momento do romance, estava disposto a ganhar o amor de Daisy e faria tudo o que fosse necessário para atingir este objetivo, basta lembra de quando Tom revelou a seus amigos que Gatsby vendia bebidas ilegalmente, Gatsby não demonstrou o mínimo remorso.

Este herói difere do herói clássico, que é predestinado a ser trágico, sua tragédia independe de sua vontade, ele apenas aceita o destino que lhe é imposto. Gatsby decide seu destino, se é trágico é por sua culpa, por seus atos e escolhas. Ele escolhe enriquecer ilicitamente, sair com uma mulher casada, enfrentar o marido desta mulher casada e assumir a culpa de um crime que não cometeu.

Gatsby sabia, ou deveria saber, que jamais poderia ter Daisy completamente, ela é a típica mulher daquele período, Gatsby era rico, mas não tinha nobreza no sangue. Tom, todavia, era rico e vinha de família rica, por isso Daisy escolheu casar-se com ele. Gatsby conseguiu o dinheiro que precisava, mas não conseguiria a nobreza. Destarte, pode-se afirmar ainda que Gatsby é um homem ingênuo por acreditar no amor de Daisy e, até cego pelo amor que sente por ela.

Em Gatsby, vemos a imagem antitética do herói clássico já discutido. Todavia, continua sendo herói e sua nobreza é testada quando sua amada acaba por cometer um crime, atropela a amante de seu esposo Tom Buchanan. E o herói resolve aceitar a culpa de sua amada, Daisy, e, com isso sela seu destino, sua morte. Este fato é explicado por Kothe (1987 página?), onde: “Ele [o herói] vai aparecendo como trágico à medida que se desenrola a *tragédia que ele mesmo desenvolve* [...]” [grifo nosso]. O herói, aqui, torna-se trágico por sua culpa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do apanhado sobre personagens foi possível perceber a importância de uma personagem para o romance e, com estes estudos perceber que as personagens têm algumas subdivisões. Se esta personagem for protagonista também pode ser chamada de herói. A partir das descrições sobre o herói clássico, é possível perceber que Gatsby (herói de “O Grande Gatsby” não se enquadra nos moldes do estereotipado herói clássico por suas características, por isso, foi necessária uma nova forma de caracterizar e classificar os heróis de romance modernos.

O herói moderno difere-se do clássico principalmente pelo fato de ser dono do seu destino, lutar por si e sofrer as consequências de seus próprios atos. Este herói foi, aos poucos, substituindo a imagem do herói clássico, que já não atendia à demanda da própria sociedade. Mas, o fato de o herói clássico aos poucos ceder lugar ao moderno não o torna menos importante para a literatura de forma geral, apenas demonstra que os anseios e características do homem e da própria sociedade estão em um eterno processo dialético de mudança.

Jay Gatsby luta contra o destino que lhe é imposto, toma decisões erradas e paga por seus erros. Seu caráter falho e péssimas escolhas o fazem ser abandonado em sua morte, enfrentando sozinho o destino que ele próprio escolheu. Estas características o diferem dos moldes clássicos do herói, colocando-o assim no patamar de herói moderno.

Vale ressaltar a escassez de materiais que teorizam e discutem o herói de modo mais profundo e, com isso, trabalhos acadêmicos também são poucos. Além disso, esta obra oferece outras formas de análise e crítica como, por exemplo, com romances que versam sobre o estilo de vida das classes mais altas da sociedade da década de 20, incluindo este, é possível ter um vislumbre da verdadeira "Era do Jazz" sob a perspectiva de um de seus maiores escritores, Francis Scott Key Fitzgerald.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 4ª ed. Vol. 1. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

BRUCCOLI, Matthew J. Prefácio da edição crítica de 1991. In: FITZGERALD, F. Scott. **O Grande Gatsby**. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

CANDIDO, Antônio *et. al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

EIKHENBAUM, B. *et. al.***Teoria da Literatura**: formalistas russos. Trad. Ana M. R. Filipouski e outros. Porto Alegre: Globo, 1973.

FEHÉR, Ferenc. **O Romance Está Morrendo?** Trad. Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

FITZGERALD, F. Scott. **O Grande Gatsby.** Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance.** Trad. José Marcos M. de Macedo. São Paulo: Duas cidades: 2000.

ROBBE-GRILET, Alain. **Por um Novo Romance**. Trad. Cristóvão Santos. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, Brasília: INL, 1973.